

***E Fizerom Taes Maravilhas... Histórias de Cavaleiros e Cavalarias*, org. Lênia Márcia Mongelli; introd. Hilário Franco Júnior, São Paulo, Ateliê Editorial, 2012, 560 pp.**

Janaina Marques  
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - bolsista FAPESP)

A obra em foco reúne artigos de pesquisadores de diferentes países que participaram, em maio de 2011, do Encontro Internacional sobre Matéria Cavaleiresca, sediado na Universidade de São Paulo, e com organização conjunta da Área de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo, do Centro de Estudos Cervantinos, da Universidade de Alcalá de Henares e da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa<sup>1</sup>. Dos 91 trabalhos inscritos no Congresso, selecionaram-se 33 para edição impressa, mediante os seguintes requisitos: “pertinência temática (estudos sobre matéria cavaleiresca em prosa ou em verso, situada entre os séculos XII e XVII, com um ou outro recuo ou avanço no tempo); 2) diversificação geográfica (de modo a representar, da melhor maneira possível, a universalidade das pesquisas e dos pesquisadores participantes).” Todos os textos em língua estrangeira foram traduzidos e adaptados às normas linguísticas brasileiras. Os estudos apresentados inscreveram-se na proposta “Histórias de cavalarias por terras de Espanha, Portugal e Brasil”, tema que, segundo Mongelli, era “amplo o suficiente para estimular um debate especializado que resultasse na sensibilização para o teor nem sempre bem conhecido dos *romances* de cavalarias, quer os medievais, quer os quinhentistas.”

Ao contrário da noção contemporânea de obra literária, as narrativas medievais dependiam preferencialmente de transmissão oral, na qual as circunstâncias e o protagonismo do intérprete interferiam no curso da obra. Essas narrativas, assentadas num encadeamento de cenas vigorosas e surpreendentes, por isso facilmente memorizáveis, seguiam livres para serem recontadas, recriadas e traduzidas, transformando-se em obras coletivas e evolutivas. Nessa perspectiva, o historiador Hilário Franco Júnior, no texto introdutório “*Deum circulum, cujus centrum est ubique, circumfe-*

1. Em 2012 foi publicada a edição digital De cavaleiros e cavalarias. Por terras de Europa e Américas, contendo quase todos os artigos apresentados no Congresso. A obra está disponível no site da editora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: <http://editora.fflch.usp.br/node/255>. Dessa compilação fez-se uma resenha publicada no nº15 da revista Tirant (pp.187-198).

*rentia nusquam: a Távola Redonda, síntese da utopia cavaleiresca*”, chama atenção para a problemática noção de gênero literário, pois suas fronteiras são, na maioria das vezes, arbitrárias. Nesse sentido, o discurso historiográfico mescla-se com o romanesco, num processo de fusão entre o imaginário e o real. A ficção arturiana, por exemplo, não nos interessa apenas pela sua natureza fantasiosa, ela esconde múltiplos desafios; para compreendê-los, é necessário recorrer ao conceito de utopia: “de um lado a cavalaria está em lugar indefinido, flutuante, não cartografável, como indica a expressão “andante” (...); de outro esse espaço nenhum (*u-topos*) no qual ela se move é transformado pela sua própria ação em espaço feliz (*eu-topos*) pleno de pureza, fraternidade, paz, ordem, justiça, igualdade, prosperidade.” Não sem razão, alguns autores como Wace, em 1155, Marie de France e Chrétien de Troyes, em 1170, rimam Távola Redonda com “mundo”: “*Table Roünde*” com “*munde*”, “*Table Reonde*” com “*monde*”. O autor ressalta que perder o caráter utópico da literatura cavaleiresca seria perder a possibilidade de estudá-la de maneira mais elucidativa.

Dentre os múltiplos ângulos para estudar a cavalaria, cinco ensaios tratam de sua presença na lírica, buscando na tradição manuscrita da poesia galego-portuguesa referências e alusões à matéria de Bretanha e ao seu universo. Em “*O subcorpus das cantigas de cavaleiros no Cancioneiro Profano Galego-portugues. Notas linguístico-editoriais*”, o filólogo espanhol Manuel Ferreiro seleciona 44 composições em que aparece o vocábulo *cavaleiro* e realiza uma revisão linguística e ecdótico-textual desse subcorpus, compreendendo assim de maneira mais depurada o que os manuscritos transmitiam. No artigo intitulado “*Epítetos injuriosos a um cavaleiro*”, a professora da Universidade de Zurique, Maria Ana Ramos, analisa, na cantiga satírica atribuída a Pero da Ponte, todos os termos injuriosos dirigidos a um cavaleiro. A autora observa o caráter desafiador da composição, “aparentemente fragmentária”, num contexto jurídico-social preocupado em exaltar a honra, a bondade e a nobreza dessa linhagem:

Eu ben me cuidava que er´avoleza  
do cavaleiro mancebo seer  
escasso muit´ e de guardar aver;  
mais vej´ora que val muit´escasseza,  
ca un cavalaieiro sei eu vilan  
e torp´e bravo e mal barragan,  
pero tod´esto lh´encobr´escasseza (B 1630/ V 1164)

O pesquisador brasileiro Paulo Roberto Sodré, em “*Uma besta ladrador na cantiga “disse un infante ante sa companha” de Fernando Esquio*”, investiga as alusões à matéria arturiana na lírica galego-portuguesa, voltando o olhar para a *cantiga de escárnio e maldizer* de Fernando Esquio, em que o trovador galego, dirigindo-se a um infante não identificado, compara o animal por ele prometido à Besta Ladrador, criatura monstruosa presente nos capítulos 82-83 d’*A Demanda do Santo Graal*. Como podemos observar na primeira estrofe da composição, “a besta ilustra, pela chave irônica, o absurdo da situação que envolve a honra do infante”:

Disse um infante ante sa companha  
que me daría besta na fronteira,  
e nom será já murzela nen veira,

nen branca, nen vermelha, nen castanha;  
pois amarela nen parda nom for,  
a pran será a Besta Ladrador,  
que lh'adurán do Reino de Bretanha (B 1607/ V 1140)

Em “*Espelho (deformante) de cavalaria. Personagens e comportamentos anticortesês nas cantigas de escárnio e maldizer*”, o pesquisador galego, da Universidade de Vigo, Xosé Bieito Airas Freixedo, aplica os conceitos de Bakhtin na poesia profana galego-portuguesa, identificando, por um lado, a homogeneidade do discurso nas *cantigas de amor*, e de outro, o plurilinguismo nas *cantigas de escárnio*, em que aparecem personagens de diferentes contextos sociais. Ao analisar as cantigas satíricas, observa o intuito ideológico dessas composições que constroem a antítese do cavaleiro idealizado pelos romances, e trata esse confronto como “um espelho deformante” no qual muitos se poderiam ver refletidos, sob a luz da paródia e da burla. Assim, tanto o cavaleiro romanesco quanto o apresentado pela poesia satírica funcionavam, de maneira simultânea, como referências para essa sociedade.

No artigo intitulado “*Os Laís de Bretanha: voltando à questão da autoria*”, a pesquisadora brasileira Yara Frateschi Vieira investiga os cinco laís de Bretanha galego-portugueses incluídos no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, antigo Colocci-Brancuti, e no códice da *Vaticana* 7182. Quanto ao fato aparentemente anômalo de se incluírem textos distintos das *cantigas de amor, de amigo e de escárnio e mal dizer*, a autora revela que “é condizente, por sua vez, com o caráter de *summa* que caracteriza os cancioneros trovadorescos no século XIII”. Em três laís, a autoria é atribuída, por meio de rubricas explicativas presentes nos códices, a personagens lendários como o próprio Tristão. O que a filóloga Carolina Michaëlis considerava um erro “ingênuo” de interpretação histórica, Yara Frateschi observa como aspecto revelador de uma concepção autoral diferente da nossa, pois num contexto em que as fontes eram frequentemente orais, tornava-se natural que autores e ouvintes recorressem a mecanismos de “justificação”, “autenticidade” e “veracidade” do episódio narrado.

Na perspectiva das relações entre presente e passado, o professor e musicólogo catalão Antoni Rossell ressalta a comunicabilidade que a tradição medieval mantém com as expressões artísticas contemporâneas, no estudo “*Romances, baladas e matéria cavaleiresca. Tradição oral, interpretações tradicionais e contemporâneas*”. Com o objetivo de responder à pergunta sobre a legitimidade das novas interpretações, o pesquisador realiza um trabalho de catalogação e análise das diferentes versões de romances tradicionais realizadas por grupos musicais, considerando aspectos como o timbre vocal, a corrente estética e a conservação de traços de “tradição oral”. Através de um percurso estético-musical, o autor revela que são válidas e legítimas, na perspectiva da tradição oral, aquelas interpretações que resultam, ao mesmo tempo, de um trabalho reflexivo e de prática musical, como demonstram as obras realizadas pelos músicos Joaquin Diaz, José Manuel Fraile Gil, Eliseo Parra, entre outros.

Para além da Península Ibérica, as cavalarias seguem alimentando o imaginário literário nas Américas, como mostra o artigo “*A cavalaria no sertão*”, da pesquisadora brasileira Jerusa Pires Ferreira. A autora aborda as incursões dos romances de cavalaria pelo sertão do Brasil em diversas histórias que ainda permanecem vivas por meio da tradição oral e de adaptações em folhetos de cordel. A *História do Imperador Carlos Magno*, por exemplo, com o ideal de bravura, honra e heroísmo, alcançou grande popularidade e pode ser designada, segundo a autora, como “um texto de fundação da cultura brasileira”. No contexto das literaturas hispano-americanas, podemos destacar “*Um vestígio das Sergas de Esplandián, de Garci Rodríguez de Montalvo (1510), em La Guerra*

*Gaucha*, de Leopoldo Lugones (1905)”. Nesse ensaio, o professor Javier Roberto Gonzalez, da Universidade Católica Argentina, amplia o campo de estudo da presença dos livros de cavalaria para além dos períodos e temas geralmente considerados – “a conquista e a colonização, as crônicas, a narrativa do real maravilhoso, o arquétipo heróico, a configuração mágica do espaço” – para um livro de 1905 do autor modernista argentino Leopoldo Lugones, que demonstra conhecer muito bem as fontes medievais. A *Guerra Gaucha* é composta por uma série de relatos sobre as lutas de independência travadas no norte do país e, ao contrário do que poderíamos imaginar, a intertextualidade com a obra de Montalvo não está no caráter épico e heróico, mas na evocação de um episódio humorístico presente no quinto livro de *Amadis de Gaula*, conhecido como *Sergas de Esplandián*.

O espanhol José Manuel Lucía Megías, coordenador do Centro de Estudos Cervantinos e professor da Universidade Complutense de Madrid, no ensaio “*Os livros de cavalaria para além da imprensa: chaves da sua sobrevivência*”, procura compreender o êxito alcançado pelo livro *Don Quijote*, de Miguel de Cervantes, na Europa. A partir de uma minuciosa análise do mercado editorial entre o final do século XV e as primeiras décadas do século XVII, conclui que sua grande repercussão não pode ser explicada unicamente pela genialidade do autor, mas porque nos séculos anteriores os livros de cavalaria, especialmente o ciclo de *Amadís de Gaula*, amplamente difundidos por toda Europa, prepararam o público para a chegada do *Quijote*.

Para o estudante e o pesquisador da literatura, essa obra, que conta com um cuidadoso trabalho editorial e uma bela apresentação gráfica, torna-se indispensável, pois os romances de cavalaria, como mencionou Hegel na *Estética*, e é recordado no “Prefácio”, atuam como verdadeira “ponte de transição” para o romance moderno. Reconhecer na literatura contemporânea a voz dessa tradição é importante para repensar e afirmar nossa própria identidade. Nesses ensaios, de que aqui se deram apenas alguns exemplos, chama-nos atenção a receptividade que a literatura medieval vem alcançando na Europa e na América. Nessa perspectiva, o pesquisador espanhol Aurélio Vargas Díaz-Toledo, em “*A literatura cavaleiresca portuguesa: estado da questão*”, ao traçar um panorama da produção bibliográfica sobre *Palmerin de Inglaterra*, “aponta um renovado interesse da crítica perante um livro que volta a estar atual”.